

**CIÊNCIAS DA SAÚDE****Olimpíadas do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: marcas de uma competição esportiva no âmbito escolar**

***Olympics of the College of Application of the Federal University of Rio Grande do Sul: marks of a sportive competition at school***

Marinês Matter de Souza<sup>1</sup>, Tuany Defaveri Begossi<sup>2</sup>,  
Carlos Adelar Abaide Balbinotti<sup>3</sup>, Janice Zarpellon Mazo<sup>4</sup>

**RESUMO**

Este estudo busca verificar qual o modelo de competição adotado pela Olimpíada do Colégio de Aplicação (OCA), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para efetivação do estudo foram analisados documentos e realizadas entrevistas com cinco professores(as) de Educação Física do Colégio de Aplicação da UFRGS. Os materiais de pesquisa foram categorizados e cotejados com informações obtidas por meio de levantamento bibliográfico. Constatamos que a OCA apresenta características do modelo adulto de competição, especialmente nas competições que envolvem os alunos do oitavo e nono anos e do ensino médio. Para os alunos do sexto e sétimo anos, embora as competições sejam adaptadas, também, se observou resquícios de um modelo adulto.

**Palavras-chave:** Competição escolar; jogos escolares; Olimpíada do Colégio de Aplicação.

**ABSTRACT**

*This study aims to verify the competition model adopted by the College of Application Olympics (OCA) of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). To carry out the study, documents were analyzed and interviews were conducted with five Physical Education teachers from the UFRGS College of Application. The research materials were categorized and compared with information obtained through bibliographic survey. We found that the OCA has characteristics of the adult competition model, especially in competitions involving the*

<sup>1</sup> Mestra em Ciências do Movimento Humano, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano - PPGCMH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS - Brasil. E-mail: [marieseef@gmail.com](mailto:marieseef@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano - PPGCMH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS - Brasil. E-mail: [tuany\\_begossi@hotmail.com](mailto:tuany_begossi@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS - Brasil. E-mail: [carlos.balbinotti@ufrgs.br](mailto:carlos.balbinotti@ufrgs.br)

<sup>4</sup> Idem. E-mail: [janice.mazo@ufrgs.br](mailto:janice.mazo@ufrgs.br)



*students from eighth and ninth grades, and high school. For students of the sixth and seventh grades, although the competitions are adapted, there were also remnants of an adult model.*

**Keywords:** *School sports competition; school games; Application College Olympiad.*

## 1. INTRODUÇÃO

As competições e os festivais esportivos geralmente estão presentes nas escolas, nas aulas de Educação Física e, quando organizados como conteúdo de aprendizado, podem ser compreendidos enquanto possibilidade educacional de enriquecimento do processo de ensino. (SCAGLIA *et al.*, 2006). Porém, quando se fala em competições esportivas realizadas por crianças e jovens, alguns educadores manifestam certa resistência, especialmente, por considerarem a competição como o aspecto mais perverso do esporte. Para Marques (2004) a relação descrita acima se apoia na associação da competição enquanto promotora de valores exacerbados de concorrência e de individualismo, em prejuízo aos valores de igualdade e solidariedade.

Deste modo, coexistem no campo do esporte escolar duas posições. Uma que busca evidenciar os efeitos negativos advindos com a competição e, outra, que sublinha os aspectos positivos refletidos por meio desta prática. (DE ROSE; KORSAKAS, 2006; DE ROSE, 2011; MARQUES, 2004; JUCHEM, 2015). Para De Rose e Korsakas (2006) competir é importante, sobretudo pela possibilidade de aprendizado. Os autores destacam que o esporte, sem a competição, deixaria de cumprir com seus aspectos mais interessantes e motivadores, como a busca pelo desafio, o confronto e a mediação de forças. De modo complementar, autores como Thiess, Tschiene e Nickel (2004); De Rose (2011); Marques (2004) e Juchem, (2015), destacam que a competição pode ser um importante elemento na formação da personalidade das pessoas, na afirmação de valores morais, sociais e espirituais. Contudo, também afirmam que ela pode trazer prejuízos à formação do indivíduo e relacionam tal reflexo ao modelo de competição a ser adotado pelas escolas.

Diante das ponderações, averiguamos que a competição esportiva pode interferir de modo positivo ou negativo na formação dos(as) alunos(as) no âmbito escolar. Para tanto, refletir acerca dos modelos e formatos que são adotados pelas instituições de ensino, pode contribuir para que este direcionamento ocorra pelo viés positivo. Acerca deste aspecto, mencionamos estudos que se dedicaram a apresentar contribuições acerca dos modelos de competições adotados em eventos esportivos voltados a crianças e jovens. (MILISTEDT *et al.*, 2008; REVERDITO *et al.*, 2008; FERREIRA, 2000; MARQUES, 2004). Os referenciados autores sugerem que, na maioria das vezes, os modelos de competições escolares acabam por reproduzir aqueles adotados em competições profissionais, onde as modalidades esportivas ofertadas não são adaptadas. Os efeitos da aplicação deste modelo adulto em âmbitos formativos pode se tornar contraproducente e, deste modo, sublinha-se a necessidade de reestruturar tais formatos competitivos, buscando atender as especificidades de cada faixa etária.



Evidenciamos ainda por meio da literatura, que a principal preocupação dos organizadores de jogos escolares precisa estar articulada ao compromisso de proporcionar um ambiente educacional de formação. (SCAGLIA; GOMES, 2005; GONÇALVES; GONZÁLEZ; BORGES, 2019). Montagner (2015), por exemplo, sustenta a ideia de que os modelos estabeleçam e defendam um sistema de competição específico e preocupado com as crianças e jovens. Já para Reverdito *et al.* (2008), o objetivo da competição pedagógica na escola deve buscar maximizar os aspectos positivos e minimizar os efeitos negativos. Para tanto, a realização de competições esportivas durante o período letivo precisa estar vinculada aos demais objetivos dos programas escolares e, segundo Betti (1991), deve oportunizar aos alunos uma vasta experiência em atividades formativas.

Diante de tais proposições, o presente estudo tem por objetivo verificar qual o modelo de competição adotado pela Olimpíada do Colégio de Aplicação (OCA), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)<sup>5</sup>. Este evento esportivo que ocorre, aproximadamente, há 40 anos é considerado um dos maiores a ser promovido pelo Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS. Deste modo, a presente investigação também busca contribuir para a divulgação da OCA, além de colaborar com subsídios para os debates acerca das competições escolares.

Para efetivação do objetivo proposto buscamos, inicialmente, reunir estudos que tenham se dedicado a investigar competições esportivas no âmbito escolar, através de um levantamento bibliográfico<sup>6</sup>. Posteriormente, procedemos a busca pelos últimos regulamentos vigentes da OCA (2017), junto aos(as) professores(as) de Educação Física do CAp/UFRGS. Por fim, foram gravadas entrevistas com cinco professores(as) de Educação Física do CAp/UFRGS, com base em um roteiro semiestruturado.

De acordo com Flick (2009a; 2009b), a entrevista semiestruturada é um método interessante, visto que os entrevistados, normalmente, possuem um acúmulo de conhecimentos sobre o tópico em questão, podendo ter maior liberdade para se expressar. Para registrar as entrevistas, utilizou-se um gravador digital. Na sequência, as entrevistas foram transcritas e enviadas aos(as) professores(as) participantes do estudo para leitura e possíveis ajustes. Ressaltamos que os(as) professores(as) entrevistados(as) assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> O presente estudo tem origem na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulada "Olimpíadas do Colégio de Aplicação da UFRGS: um estudo sobre competição escolar", defendida no ano de 2018.

<sup>6</sup> Nessa busca, três repositórios auxiliaram na mensuração de estudos sobre o tema proposto, a saber: Portal de Periódicos da CAPES, LUME - Repositório Digital da UFRGS e Google Acadêmico. Foram utilizados os descritores "Competição esportiva escolar", "Competição na Educação Física", "Olimpíadas Escolares" e "Jogos Escolares". Consideramos, nessa etapa, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado disponíveis para consulta nos referidos catálogos digitais, tendo sido localizados 45 artigos, 19 dissertações e três teses.

<sup>7</sup> Com relação aos aspectos éticos, destacamos que a realização deste estudo observou os procedimentos inerentes à pesquisa realizada com seres humanos. Importa ainda destacar que esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo, intitulado "Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório", aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, sob o número de protocolo 271.526, na data de 7 de fevereiro de 2013.



Ademais, optou-se por substituir o nome dos(as) entrevistados(as) por letras, as quais não estabelecem qualquer tipo de relação com o nome do(a) professor(a).

## 2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do estudo se deu por meio do cotejamento das informações expressas nos regulamentos da competição consultados, com as informações contidas nas entrevistas e com os dados obtidos por meio do levantamento bibliográfico. A triangulação de informações, de acordo com Flick (2009, p.62), “implica que os pesquisadores assumam diferentes perspectivas sobre uma questão em estudo ou, de forma mais geral, ao responder a perguntas de pesquisa”. Deste modo, o autor refere-se à combinação de distintos materiais de pesquisa, os quais, em conjunto, auxiliarão a responder o objetivo proposto.

Assim, os resultados da análise realizada nos possibilitou assinalar a frequência com que determinados temas foram abordados. Com base nestas ocorrências temáticas, foi possível organizarmos o presente estudo em dois tópicos, os quais passarão a ser apresentados a seguir.

### 2.1. PLANEJAMENTO DA OCA

O planejamento da OCA foi uma temática recorrente tanto nos regulamentos consultados, como na fala dos(as) professores(as) entrevistados(as). A organização desta competição esportiva escolar é realizada pelos(as) professores(as) de Educação Física do CAp. Assim, a cada ano, antes da edição do evento, elege-se um(a) coordenador(a) que se responsabiliza por delegar e estabelecer as funções a serem desempenhadas pelos(as) demais professores(as). Essas orientações estão previstas nos regulamentos, os quais também são formulados a cada ano, antes da realização da OCA. Na edição de 2017, por exemplo, previa-se no Artigo 8º do regulamento, que a “[...] Comissão Organizadora será formada pelos professores da área de Educação Física, presidida pelo Professor João Vicente Silva Souza.” (REGULAMENTO OCA, 2017ab, p.1).

De modo pontual, a OCA é planejada para ocorrer durante um período de uma semana, estando inserida no calendário escolar do CAp. De acordo com o depoimento do(a) professor(a) C, esse formato é recente, visto que de “uns cinco anos pra cá a gente conseguiu uma conquista de parar uma semana inteira, antigamente não era assim [...]. Segundo o(a) professor(a), anteriormente, “ela só acontecia no período da tarde. Os alunos tinham aula de manhã e participavam da competição só a tarde.” (PROFESSOR(A) C, 2018, p.1). Percebemos, portanto, que a cada edição o formato da OCA pode ser modificado. Essa característica assinala a existência de certa flexibilidade no que se refere a organização da competição.

A partir da consulta aos regulamentos e do cruzamento com as informações obtidas por meio das entrevistas realizadas com os(as) professores(as), foi possível pontuarmos que as principais mudanças que ocorrem entre as edições, dizem respeito a aspectos como a introdução ou exclusão de modalidades esportivas; a mudança na



participação; o atendimento das demandas dos alunos e a correção de falhas. (PROFESSORES(AS) B, C e E; REGULAMENTO OCA, 2017ab). Essas modificações ocorrem em razão de pontos que são levantados pela comunidade escolar participante da OCA que, posteriormente, são avaliadas pelos(as) professores(as) e representantes das turmas. Assim, qualquer situação que surja, a cada edição da OCA, esta é debatida entre a área da Educação Física que, juntamente com os(as) alunos(as), tenta resolvê-la de modo a atender as sugestões.

Acerca dos regulamentos que orientam o funcionamento da competição, constatamos a presença de dois documentos norteadores da OCA. Um relaciona-se a Categoria A<sup>8</sup> e outro a Categoria B<sup>9</sup> e Categoria C<sup>10</sup>. O regulamento da Categoria A é diferenciado e aplicado, exclusivamente, para esta Categoria. Já o regulamento para as Categorias B e C segue um padrão mais tradicional. Ao proceder a análise destes materiais foi possível verificarmos que há diferenças entre eles, especificamente, no que tange aos seus objetivos. Para a Categoria A, por exemplo, além de constar os mesmos objetivos das Categorias B e C<sup>11</sup>, foram acrescentados outros elementos, tais como: a problematização das questões de gênero; a igualdade de oportunidade aos estudantes; além da oferta, também, de jogos competitivos cooperativos. (REGULAMENTO OCA, 2017a, p.1).

Diante do exposto, podemos sublinhar que, ao menos nos documentos que norteiam a competição, está explícita a preocupação de buscar adequar os objetivos da OCA às diferentes faixas etárias que compõe a comunidade escolar. A inserção de jogos cooperativos aos alunos do sexto e sétimo anos do ensino fundamental do Colégio de Aplicação, por exemplo, demonstra certa preocupação em evidenciar outras dimensões da competição. Contudo, poder-se-ia questionar o porquê deste conteúdo ser retirado do regulamento destinado ao oitavo e nono anos e, também, do ensino médio.

De qualquer modo, o que se tornou perceptível, sobretudo a partir dos depoimentos, foi que a organização da OCA demanda um tempo considerável dos(as) professores(as) de Educação Física e de demais membros da comunidade escolar. Essa organização, conforme visto, baseia-se, inicialmente, na estruturação de dois regulamentos, sendo um mais adaptado (REGULAMENTO OCA, 2017a) e outro portador de características mais tradicionais (REGULAMENTO OCA, 2017b). Para Nascimento (1994), além dos professores, os alunos e a própria comunidade escolar deve fazer parte da construção da competição e, portanto, a estruturação dos regulamentos está incluso neste processo. Além disso, o autor (1994) sugere que os

<sup>8</sup> Alunos do sexto e sétimo anos do ensino fundamental.

<sup>9</sup> Alunos do oitavo e nono anos do ensino fundamental.

<sup>10</sup> Alunos do ensino médio.

<sup>11</sup> Os objetivos da OCA para as categorias B e C são: Art. 3 - Aplicar os conhecimentos adquiridos no decorrer do ano letivo no plano individual e coletivo; Art. 4 - Promover o intercâmbio entre os alunos do CAp, estimulando a prática desportiva dentro dos preceitos da disciplina, cooperação mútua, participação, espírito de equipe e organização; Art. 5 - Realizar competições esportivas em modalidades compatíveis com a faixa etária dos alunos, em ambos os sexos; Art. 6 Congregar, em âmbito sadio e esportivo, alunos, professores, pais e técnicos administrativos, bolsistas e monitores, que de uma ou outra maneira intervenham no evento. (REGULAMENTO OCA, 2017b, p.1).



alunos também se envolvam na organização das atividades propriamente ditas, auxiliando na arbitragem e na avaliação das mesmas ao final da competição.

Para além deste aspecto, as próprias modalidades esportivas figuraram enquanto conteúdo comum nas falas dos(as) professores(as) entrevistados(as) e no material referente aos regulamentos consultados. Para os(as) professores(as), a escolha pelas modalidades é feita pelo interesse comum de professores(as) e alunos(as). Por exemplo, o dodgebol<sup>12</sup> e a dança passaram a fazer parte da OCA em função das demandas dos(as) alunos(as). Já o handebol, o futebol, o voleibol e o basquetebol, esportes hegemônicos, são difíceis de excluir das disputas, pois fazem parte de uma tradição e são ofertados nas aulas de Educação Física. Sublinhamos este aspecto, pois, ele demonstra a existência de uma construção coletiva da competição, visto que as demandas provenientes do interesse dos alunos são levadas em consideração no momento da decisão de quais disputas ocorrerão a cada ano. Nas edições mais antigas da OCA, por exemplo, havia apenas os esportes hegemônicos, além do atletismo e do xadrez. Portanto, características como esta, talvez auxiliem a explicar alguns dos motivos que convergem para que a OCA permaneça sendo realizada por tantos anos no CAP.

Por fim, outro ponto que se tornou sobressalente concerne aos objetivos gerais da OCA. Acerca desta questão, mencionamos a finalidade de os(as) professores(as) buscarem avaliar os(as) alunos(as). Nas entrevistas, os(as) professores(as) A, B, C e E apontaram a pretensão de verificar se os(as) alunos(as) aprenderam o que foi desenvolvido nas aulas de Educação Física, durante a realização do evento esportivo. Esses relatos também vão ao encontro do que está exposto nos regulamentos da OCA, especialmente no texto descrito no Artigo 1º, onde se evidencia que um dos objetivos é “aplicar os conhecimentos adquiridos no decorrer do ano letivo no plano individual e coletivo.” (REGULAMENTO OCA, 2017ab, p.1). Esta temática também se torna relevante para refletirmos acerca do próprio modelo de competição adotado pela OCA. Deste modo, se por um lado a referida competição configura-se enquanto uma construção coletiva de alunos e professores e, desta maneira, desconstrói o que se compreende por um “modelo profissional” de competição; por outro, características que lhes são intrínsecas, como esta vinculada a avaliação dos alunos, parece demonstrar a existência de contornos relacionados a modelos de competição profissional. Esta temática será abordada de modo específico no tópico que segue.

## 2.2. MODELO DE COMPETIÇÃO DA OCA

A compreensão do modelo de competição da OCA, do CAP da UFRGS foi possível de ser demarcado, especialmente através das informações relatadas pelos(as) professores(as) em seus depoimentos. Conforme consta na maioria das entrevistas, o mencionado evento esportivo é pautado pelas regras oficiais de cada modalidade, o que converge para a predominância de um modelo adulto de competição. Para o(a) Professor(a) E “o regulamento da OCA segue os padrões do contexto esportivo de

<sup>12</sup> O jogo de dodgebol é parecido com o caçador. Ele é disputado nos limites de uma quadra de vôlei, e formado por até 10 (dez) jogadores. A equipe que estiver com superioridade numérica (menos jogadores eliminados), será a vencedora. (REGULAMENTO OCA, 2017ab).



federações.” (PROFESSOR(A) E, 2018, p.11). De modo semelhante, o(a) Professor(a) C mencionou que a OCA é organizada seguindo “um modelo de competições oficiais e do modelo adulto.” (PROFESSOR(A) C, 2018, p.8). Por sua vez, o(a) Professor(a) B reafirma a adoção às regras oficiais, mas, ratifica a realização de adaptações especialmente para a Categoria A. (PROFESSOR(A) B, 2018, p.5).

Diante do exposto, verificamos que a maioria dos(as) professores(as) entrevistados apontou que o modelo de competição seguido pela OCA é o adulto/profissional. Em vista disso, Scaglia e Gomes (2005), em seu estudo, afirmam que esse modelo é comum no ambiente de ensino. Segundo os autores (2005), os regulamentos propostos nos jogos estudantis apresentam modelos e características de competições de adultos, visto que, as regras utilizadas são as mesmas das federações, as competições são classificatórias, além de utilizar espaços físicos oficiais, punições e premiações. Alguns desses elementos sinalizados pelos autores puderam ser demarcados também na OCA.

Tais apontamentos remetem a refletir sobre os resultados do estudo de Reverdito *et al.* (2008), os quais colocam em dúvida a função pedagógica do esporte na escola, sobretudo em razão de um modelo adulto utilizado para fundamentar as competições realizadas nestes ambientes de ensino. Aliado a este aspecto, os autores ainda sublinham o fato de raramente tais eventos estarem inseridos no projeto político pedagógico da escola. De modo semelhante, Ferreira (2000) tece críticas a este formato de competição, pois, além de seguirem as regras oficiais, sem adaptações, ainda enfatizam, geralmente, apenas o ganhador. De igual forma, Marques (2004) também evidencia que nos modelos profissionais de competição há uma prioridade pelos resultados, o que é considerado pelo autor, como algo ruim para a formação dos alunos.

O conteúdo exposto na fala dos(as) professores(as) entrevistados(as) foi reforçado pelas informações expostas nos Regulamentos da OCA consultados. Nesses materiais, também foi possível averiguarmos a existência de elementos que remetem a presença de um modelo adulto/profissional de competição. Acerca desta questão, evidencia-se o exposto no Artigo 9º, onde está descrito que compete à Comissão Organizadora: “supervisionar a aplicação dos regulamentos nas modalidades em disputa, de acordo com as regras em vigor, nas respectivas Federações Esportivas, em tudo o que não contrariar este regulamento.” (REGULAMENTO OCA, 2017ab, p.1). Nesta direção, os achados advindos desta pesquisa vão ao encontro daqueles apontados na pesquisa Juchem (2015), que trata dos Jogos Escolares de Petrolina. Para o autor (2015), tais jogos também se assemelham ao modelo de competição de adultos.

De modo um pouco distinto, observou-se que no regulamento destinado à Categoria A, ocorre uma maior adaptação das modalidades. Assim, por mais que o regramento básico seguido seja o das federações esportivas, a arbitragem parece ser mais pedagógica. (REGULAMENTO OCA, 2017a). Conforme exposto anteriormente, para as Categorias B e C, além dos esportes tradicionais (basquetebol, vôlei, handebol, futebol, futsal), o dodgeball também compõe o programa de modalidades a serem disputadas. Todas as disputas são separadas por gênero, com exceção do



vezamento 4x100, do xadrez e do tênis de mesa. Esta característica também reitera a similaridade da OCA às competições permeadas por modelos profissionais. É importante destacarmos que a bocha adaptada está incluída somente na Categoria C, devido a presença de um aluno com deficiência. Esta modalidade, a exceção daquelas mencionadas anteriormente para esta Categoria, é mista, ou seja, coexiste a participação nas disputas de meninos e meninas.

A realização de disputas mistas ocorre com mais frequência na Categoria A, pois, além dos esportes tradicionais, os(as) professores(as) de Educação Física ainda incluem a prática de jogos tradicionais e jogos cooperativos. Ao que parece, na Categoria A, os(as) professores(as) possuem uma maior autonomia na decisão sobre quais as modalidades serão disputadas, além de buscarem adequá-las para a faixa etária. Acerca deste ponto, Choi, Johnson e Kim (2014) mencionam que a combinação de jogos cooperativos e competitivos é uma opção viável para ser utilizada quando possível, uma vez que os jogos cooperativos são excelentes para o desenvolvimento físico, psicossocial e cognitivo das crianças.

Nesta direção, embora a maioria dos(as) professores(as) entrevistados(as) tenha apontado que o modelo norteador da OCA é pautado pelo modelo profissional, seguindo as regras oficiais, foi possível assinalarmos por meio da pesquisa que não são todos os aspectos que seguem este padrão. Para além da inclusão de jogos tradicionais e cooperativos, como ocorre para a Categoria A, e da inclusão da bocha adaptada mista, para a Categoria C, pontuamos que o tempo dos jogos também é adequado em algumas competições, tais como nas disputas de atletismo, basquetebol e voleibol. A Categoria A, dentre as três que compõe as disputas da OCA, é aquela que possui maiores modificações e adaptações. Nessa categoria, por exemplo, em algumas modalidades, os(as) próprios(as) professores(as) de Educação Física realizam a arbitragem, especialmente nas modalidades do softbal<sup>13</sup> e dodgebol, que são jogos adaptados e têm uma arbitragem diferenciada.

Quanto ao sistema de classificação das equipes, esta ocorre da seguinte forma: tanto na Categoria A, quanto na B, são quatro equipes e cada uma delas joga contra as demais, ou seja, todas jogam contra todas. Na Categoria A, há mais jogos mistos e, assim como mencionamos, há um regulamento específico. Já na Categoria C, são sete equipes, as quais são divididas em duas chaves - uma com quatro equipes e outra com três. Destas, classificam-se apenas as duas primeiras equipes de cada chave. Por fim, é realizado um quadrangular. Vale ressaltar que, na Categoria C, cada modalidade tem um sorteio para que as equipes não estejam sempre na mesma chave, em todas as modalidades. Portanto, em cada modalidade e para cada naipe, há um sorteio de chave. Ademais, em cada modalidade, as equipes ganham a pontuação de acordo com a derrota e com a vitória, seguindo a pontuação descrita no regulamento.

Constam, também, no Regulamento da OCA, os critérios de empate e desempate. Para cada competição, independente da categoria, há mesários, súmulas e regras para a

<sup>13</sup> O jogo de softbal é parecido com o jogo do beisebol. A equipe é composta por oito jogadores e dois reservas. O objetivo do jogo é marcar o maior número de pontos para a sua equipe, rebatendo a bola e correndo pelas bases 1, 2, 3 e 4. Tais bases são dispostas em bambolês, localizados a 9 metros de distância um do outro, no campo de futebol. (REGULAMENTO OCA, 2017, AB).



inscrição e participação dos(as) alunos(as), assim como regras com relação às questões disciplinares. Mencionamos que a soma dos pontos não é somente das modalidades esportivas, pontuando-se também o desfile das equipes durante a abertura da OCA e a dança. Quando se encerram as competições, há um quadro onde as pontuações são somadas. A equipe que tiver uma maior soma de pontos nas junções entre as modalidades mistas, femininas e masculinas é a equipe campeã. Quanto às premiações, as equipes das modalidades coletivas ganham medalhas de primeiro e segundo colocados e, no caso de disputas individuais, premia-se do primeiro ao terceiro.

Ainda, podemos destacar que são diversos os elementos orientadores da OCA que a aproximam, de modo geral, de competições profissionais. A premiação, talvez, seja aquela que mais sublinhe esta concepção. Para Ferreira (2000), todos os(as) alunos(as) participantes de competições escolares deveriam ser premiados, seja com lembranças ou certificados, de modo que todos sejam parabenizados e reconhecidos pela participação. Sugere ainda que os vencedores até recebam um prêmio diferenciado, mas que se busque evitar que este seja conferido e oferecido apenas a três atletas ou as três primeiras colocações. De modo complementar, Matos (2017) refere que a real conquista adquirida em uma competição escolar é a maneira como esta será realizada, ou seja, qual será sua intervenção pedagógica. Desse modo, podemos ponderar a partir das considerações dos autores supracitados, que as premiações não devem ser supervalorizadas, mas, sim, adequadas de forma a garantir que todos os participantes sejam felicitados independentemente dos resultados que obtiveram.

O modelo vigente na OCA foi uma das questões problematizadas durante a realização das entrevistas com os(as) professores(as) do CAp/UFRGS. Dos(as) cinco professores(as) depoentes, apenas um(a) concorda plenamente com o modelo, relatando que o evento também apresenta aspectos pedagógicos. Para tato, destaca o envolvimento dos(as) alunos(as), os quais “pintam o rosto, fazem camisetas”, além de confeccionarem “as bandeiras”. (PROFESSOR(A) A, 2018, p.10). Desta forma, destaca que a OCA possibilita que os(as) alunos(as) se desenvolvam em diferentes aspectos, tanto afetivos, quanto sociais. Todavia, algumas práticas adotadas, as quais se vinculam diretamente ao próprio modelo de competição adotado pela OCA, podem vir a minimizar efeitos pedagógicos positivos que contribuiriam de sobremaneira para a formação dos(as) alunos(as) participantes. Paraphrasing Soares (2010), podemos dizer que a competição, quando utilizada como um meio, torna-se uma ferramenta para o desenvolvimento da formação de valores, visto que torna as crianças e os jovens mais participativos, criativos, solidários, integrados, partícipes de seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Outra parcela dos(as) professores(as) entrevistados(as) concorda em partes com o modelo da OCA. Por exemplo, o(a) Professor(a) E discorda do modelo, mas enfatiza que concorda “com muita coisa; pois tudo que é tradição, é uma evolução ao longo dos anos [...]” (PROFESSOR(A) E, 2018, p.11). Já o(a) Professor(a) B, menciona que concorda com alguns aspectos e discorda de outros, afirmando que “esse ano [2017] teve o softbol, teve o dodgebol. [...] Eu senti dos alunos muita reclamação [...]”. Nesse



ponto eu prefiro as modalidades mais tradicionais, aquelas que a gente está mais acostumado no Brasil a disputar.” (PROFESSOR(A) B, 2018, p.6). Tais depoimentos retratam de certa forma, que ambos os(as) professores(as) entrevistados parecem ser favoráveis a manutenção de uma estrutura de modalidades disputadas na OCA, resistindo a inclusão/exclusão de práticas ou mesmo mudança na conformação da competição de modo geral.

Para além dos posicionamentos expostos acima, percebemos que há outra parcela de professores(as) que não concorda com o modelo atual de competição adotado pela OCA. O(a) Professor(a) D revelou que não concorda, pois, acredita “que o esporte, como fenômeno moderno, deve ser questionado e problematizado dentro da educação física [...]” (PROFESSOR(A) D, 2018, p.6). Para o(a) Professor(a) C, o desacordo vincula-se ao “critério de deixar os mesmos participarem de tudo. Eu gostaria que mais pessoas participassem [...]” (PROFESSOR(A) C, 2018, p.10). Os dois trechos de depoimentos evidenciados, por sua vez, refletem certo descontentamento dos(as) professores(as) com relação a algumas questões intrínsecas a OCA. Enquanto um(a) professor(a) reitera que o esporte deva ser questionado e problematizado e, portanto, modificado dependendo do ambiente e do objetivo com que é utilizado, o(a) outro(a), explicita um certo descontentamento acerca da não participação da totalidade dos(as) alunos(as) do CAp/UFRGS na atividade. Tais elementos poderiam subsidiar uma discussão entre professores(as) e alunos(as) no que tange a organização da competição.

Os fragmentos de entrevistas revelam que o tema “competição esportiva escolar”, geralmente, provoca muitas discussões, especialmente quando se refere ao modelo de competição. Importa sublinharmos que, quando os(as) professores(as) foram questionados sobre a concordância ou não, com o modelo de competição adotado pela OCA, distintos argumentos foram apresentados e, conforme sinalizamos, alguns possuíam posicionamentos distintos e, por vezes, conflitantes. Assim, enquanto uma parcela dos(as) professores(as) era favorável à manutenção de uma estrutura mais “tradicional” e, portanto, com elementos de um modelo profissional, outro grupo parecia estar descontente com alguns aspectos vigentes, tais como a não adequação de alguns esportes e a ausência de participação da totalidade dos alunos. O que figurou de modo semelhante nos depoimentos foram as sugestões de mudanças no formato atual da competição. Para o(a) Professor(a) C, por exemplo, “[...] a partir do fundamental, a gente poderia ter mais mudanças. A modificação dos espaços, a modificação das regras, a constituição dessas regras feitas pelos alunos [...], a criação de outras modalidades, até jogos que nem existem dentro da competição oficial [...]” (PROFESSOR(A) C, 2018, p.11). O(a) Professor(a) D, por sua vez, sugeriu que a OCA não precisaria ser uma competição propriamente dita, podendo ser, por exemplo, uma gincana, que envolvesse a escola de forma cooperativa.

Averiguamos que, embora a OCA apresente elementos significativos que a aproxime de um modelo adulto de competição, existe na fala dos(as) professores(as) entrevistados(as) a intenção de modificar elementos que a constituem. Assim, ainda que ocorram adaptações na Categoria A, professores(as) destacaram a necessidade de se realizar mais mudanças nessa categoria, assim como nas Categorias B e C.



Portanto, da mesma forma como observado na literatura consultada, a qual apresenta distintas concepções entre os pedagogos do esporte sobre os modelos de competições existentes dentro das escolas, o que foi possível apreender com a realização deste estudo e, sobretudo através dos depoimentos dos(as) professores(as) entrevistados(as), é que tais discussões também estão presentes na OCA.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou verificar qual o modelo de competição adotado pela Olimpíada do Colégio de Aplicação, a OCA. Constatamos que a referida competição possui elementos que a aproximam mais de um modelo adulto/profissional de competição, especialmente no que tange ao formato adotado para a Categoria B, que envolve alunos do oitavo e nono anos e para a Categoria C, que se dirige aos alunos do ensino médio. Para os alunos do sexto e sétimo anos, ou seja, pertencentes à Categoria A, embora as competições sejam adaptadas, também observamos resquícios de um modelo adulto. Desse modo, sublinhamos a necessidade de que os objetivos da OCA sejam problematizados por professores(as) e alunos(as), buscando adequá-los ao modelo de competição escolar, o qual precisa buscar enfatizar, especialmente, aspectos pedagógicos da competição, viabilizando uma maior participação dos(as) alunos(as) e atenuando a ênfase no rendimento esportivo.

Embora tenha sido possível observar que há trabalhos relacionados à competição esportiva escolar, se reconhece que esse tema merece o desenvolvimento de novas pesquisas, tendo em vista que é um assunto de grande relevância para o processo ensino-aprendizagem na escola. Diante disso, a realização deste estudo se justifica pela possibilidade de contribuir com as discussões do campo, a partir de um caso particular, visto que este tema se mostra latente e propício a ser investigado. Assinalamos ainda a importância de as investigações levarem em consideração contextos escolares distintos, buscando sinalizar suas particularidades e pormenores. Por fim, o presente estudo também buscou registrar e divulgar a realização de um evento esportivo escolar, que possui uma longa trajetória no CAP/UFRGS.

### 4. REFERÊNCIAS

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

CHOI, H. S.; JOHNSON, B.; KIM, Y. K. Children's development through sports competition: derivative, adjustive, generative, and maladaptive approaches. **Quest**, v.66, n.2, p.191-202, 2014.

DE ROSE, JR. D.; KORSKAS, P. O processo de competição e o ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.251-261.

DE ROSE, J. D. A criança o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE J. D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2011.



- FERREIRA, M. S. Ponto de vista. A competição na educação física escolar. **Motriz**, v.6, n.2, p.97-100, jul./dez. 2000.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.
- FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.
- GONÇALVES, V.; GONZÁLEZ, F. J. ; BORGES, R. M. A abordagem da competição esportiva na escola: uma pesquisa-ação com professores de Educação Física. **Revista Motrivivência**, v.31, p.23, 2019.
- JUCHEM, L. **Contribuições das competições esportivas para a formação e educação de crianças e jovens**: o caso dos jogos escolares de Petrolina. 2015. 255f. Tese (Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- MARQUES, A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p.75-96.
- MATOS, M. Treinamento de equipes esportivas em escolas: o que se aprende com isso? **Revista Carioca de Educação Física**, v.12, n.1, p.67-72, 2017.
- MILISTEDT, M. *et al.* Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na formação desportiva de jovens jogadores de voleibol. **Revista da Educação Física**, v.19, n.2, p.151-158, 2008.
- MONTAGNER, P. C. **Estudos em pedagogia do esporte de crianças e jovens**: análises, olhares e desafios teóricos. 2015. 200f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação Física) - Universidade Estadual Campinas, Campinas, 2015.
- NASCIMENTO, M. A. Olimpíadas escolares: em busca de uma reorientação paradigmática para sua praxis. **Sprint**, v.13, n.75, p.48-50, nov./dez. 1994.
- PROFESSOR(A) A. **(depoimento, 2018)**. Porto Alegre: entrevista para a dissertação de mestrado, intitulada "Olimpíadas do Colégio de Aplicação da UFRGS: um estudo sobre competição escolar".
- PROFESSOR(A) B. **(depoimento, 2018)**. Porto Alegre: entrevista para a dissertação de mestrado, intitulada "Olimpíadas do Colégio de Aplicação da UFRGS: um estudo sobre competição escolar".
- PROFESSOR(A) C. **(depoimento, 2018)**. Porto Alegre: entrevista para a dissertação de mestrado, intitulada "Olimpíadas do Colégio de Aplicação da UFRGS: um estudo sobre competição escolar".
- PROFESSOR(A) D. **(depoimento, 2018)**. Porto Alegre: entrevista para a dissertação de mestrado, intitulada "Olimpíadas do Colégio de Aplicação da UFRGS: um estudo sobre competição escolar".
- PROFESSOR(A) E. **(depoimento, 2018)**. Porto Alegre: entrevista para a dissertação de mestrado, intitulada "Olimpíadas do Colégio de Aplicação da UFRGS: um estudo sobre competição escolar".



REGULAMENTO. **Olimpíada do Colégio de Aplicação**. Porto Alegre: 2017a.

REGULAMENTO. **Olimpíada do Colégio de Aplicação**. Porto Alegre: 2017b.

REVERDITO, R. S. *et al.* Competições Escolares: reflexão e ação em Pedagogia do Esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, n.11, v.1, p.37-45, jan./jul. 2008.

SCAGLIA, A. J; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **Revista virtual EFArtigos**, v.3, n.23, 2006.

SCAGLIA, A.; GOMES, R. M. O jogo e a competição: investigações preliminares. In: VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. (Org.). **O jogo dentro e fora da escola**. São Paulo: Autores Associados, 2005. p.139-156.

SOARES. F. **Realidade da olimpíada colegial do estado de São Paulo (OCESP) em relação ao discurso presente na educação física acerca da competição escolar**: estudo da região leste de Campinas. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual Campinas, Campinas, 2010.

THIESS, G; TSCHIENE, P; NICKEL, H. **Teoría y metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2004.

Submetido em: **28/08/2019**

Aceito em: **28/08/2020**